

weichö

Curadores

**Júlio David
Magalhães e Viviane
Cajusuanaima Rocha**

Assistente
dos curadores

Karenina Andrade

Texto

**Vicente Castro
Yuduwana, Viviane
Cajusuanaima Rocha e
Karenina Andrade**

Desenhos

**Alunos das Escolas
Apolinário Gimenes,
Mötaku Ye'kwana
e Waikás**

Agradecimentos

José Cury

Na exposição “Mundos Indígenas”, a proposta Ye'kwana foi a de apresentar alguns dos elementos significativos que expressam essa maneira singular de compor o mundo – o seu *weichö*.

No passado, conforme nos diz a tradição oral, todos os ye'kwana viviam no coração do território tradicional, nas cabeceiras dos rios que formam a bacia do Rio Orenoco. Com uma mesma língua e um conjunto de narrativas histórico-cosmológicas, os Ye'kwana continuaram compartilhando um mesmo modo de vida após a dispersão das comunidades a partir das cabeceiras, modo de vida esse expresso no conceito de *weichö*. De acordo com o sábio ye'kwana Vicente Castro, existe uma miríade de *weichö* – um modo de vida próprio de cada povo. Segundo ele, o ye'kwana *weichö* congrega as *wätunnä*, narrativas de origem oralmente transmitidas de geração a geração, os *a'chudi* e os *ädemi*, cantos ye'kwana - os primeiros cantados em eventos rituais (tais como o festival

de roça nova ou a construção e inauguração de uma casa) e os segundos estão vinculados a processos de cura de doenças ou de cuidados corporais. Narrativas e cantos constituem a fonte última do conhecimento ye'kwana, carregando o saber acerca do surgimento do mundo, dos seres, das relações entre eles, bem como as regras e valores que devem pautar a vida.

Wätunnä conta que quando o demiurgo Wanaseduume decidiu criar o mundo, criou as primeiras pessoas para habitá-lo. Essas primeiras pessoas

eram os animais, que nesse tempo viviam como gente. Depois, vieram os Ye'kwana, a gente de Wanaseduume. Todos os seres e coisas primordiais surgiram de uma mesma matéria comum, animadas pela força criadora de Wanaseduume, o sol mais forte que brilha na camada celeste mais alta do céu. Kuyujani era um destes Ye'kwana ancestrais e a ele coube a tarefa de demarcar o território tradicional, os limites do mundo ye'kwana. A partir da viagem de Kuyujani para executar a tarefa dada a ele por Wanaseduume, foram surgindo outros mundos, povoados por outras gentes e por outros modos de viver – outros *weichö*.

Na tradição oral das *wätunnä*, está

registrado o surgimento dos diversos *weichö*. Também é em *wätunnä* que surgem os elementos que singularizam o ye'kwana *weichö*, que vai se diferenciando dos demais *weichö* à medida que a própria trajetória dos ancestrais lhes apresenta situações e eventos que demandam decisões, escolhas sobre como lidar com os seres que povoam esse mundo em construção. É preciso mergulhar em *wätunnä* para vislumbrar a complexidade da diferença expressa neste conceito. Sigamos, então, a narrativa de criação do mundo, seguida da odisséia do herói Kuyujani em seu périplo pela demarcação dos limites territoriais do mundo ye'kwana, no princípio dos tempos, conforme nos conta o sábio ye'kwana Vicente Castro:

As *wätunnä* são narrativas contadas pelos sábios ye'kwana que tratam da criação do mundo, das regras que regem as relações entre seres e pessoas e também os acontecimentos que estão por vir. Elas possuem um ritmo e uma estrutura, uma forma de narrar própria, que impõem limites a ouvintes não-ye'kwana, com relação à tradução e ao entendimento das mensagens nelas veiculadas.

No princípio, havia apenas os Sóis e as dimensões celestes por eles

habitadas. Tudo se resumia à luz poderosa emanada por eles, luz criadora, potência de vida.

O Céu chama-se Ejukamaadi, onde o Sol está. Este Sol é Wanaasedu, que vive em uma casa de cristal. Acima desse céu há um outro céu, Shinhaweyu Kaajöi, cujo sol é Edinhadu. Wanaasedu brilhava em direção a essa dimensão celeste superior e não em direção à Terra. Acima desse, não há outro céu. O calor e a luz de Wanaasedu são tão intensos que, se ele brilhasse voltado para a Terra, todos morreríamos. Por isso, sua luz está voltada para o céu acima do céu em que ele se encontra – lá onde não há ninguém.

Abaixo de Ejukamaadi há outro céu, chamado Adekumana Kaajöi. Há aí também um sol, de nome Wamaadidi. Esses três sóis – Wanaasedu, Edinhadu e Wamaadidi – estão perfeitamente alinhados, voltados para o céu superior. Abaixo, existem outras camadas celestes, onde estão outros

sóis: Wedudumaashi Kajöi, onde o sol é Attawanaadi; Weduuiyemö Kajöi, onde o sol é Nhaajidiyena; Iyawishakuje Kajöi, onde o sol é Mane'da; Wedukueedö Kajöi, onde o sol é Attawana; Udaanakue Kajöi, onde o sol é Awayiuwaamadi; Shidichäkue Kajöi, onde o sol é Ilookodi; Chawaiyudi Kajöi, onde o sol é Fadaadamadi; Tawenakue Kajöi, onde o sol é Kwammedu; Wadichuena Kajöi, onde o sol é Kamunhuana; Kajajutäne Kajöi, onde o sol é Awayiuwamadi. São essas as treze camadas celestes.

Os sóis Awayiuwamadi e Attawana se comunicam com Wanaasedu. Os dois primeiros estão mais próximos da Terra

Odo'sha é o arqui-inimigo de Wanaasedu, o demiurgo criador do mundo. Mais tarde, como veremos aqui, Odo'sha virá à Terra recém-criada junto a Wanaadi, duplo de Wanaasedu que nascerá na Terra para dar prosseguimento à criação dos seres e coisas. Nascido na Terra da placenta apodrecida do irmão Wanaadi, Odo'sha procurou corromper todos os seres e coisas criados por Wanaadi.

– Awayiuwamadi é quem nos ilumina. Ele contou a Attawana que em Adeetaku Kawa [a Terra] não havia ninguém. Wanaasedu decidiu então criar pessoas para povoar a Terra. Ele fez So'to, a primeira pessoa. A Terra era apenas uma casca, e ele colocou So'to em cima da Terra. Wanaasedu acompanhou So'to até que ele ficasse jovem. No entanto, So'to não tinha bons pensamentos, ele

desejava tomar o lugar de Wanaasedu. Wanaasedu deu-lhe o nome de Odo'sha e o mandou para Kajunhadewa Kajöi. A morte inexistia para Wanaasedu, por isso ele não destruiu Odo'sha, mas enviou-o para outro lugar. Lá, Odo'sha também criou pessoas, para ter ajudantes: Kajunhadewa, Kaiyajudi, Yakuenaka, Föana, Föwana. Odo'sha sentia-se desprezado por Wanaasedu, porque havia sido colocado apenas na casca da Terra.

Wanaasedu disse a Attawana: "A pessoa que eu criei não é boa." Attawana retransmitiu a mensagem a Awayiuwamaadi, que sugeriu: "É preciso tentar de novo. Mas não faça como antes, com a casca. Crie desta vez uma pessoa de verdade!" Wanaasedu criou, então, uma nova pessoa, que chamou Ye'kwana. Wanaasedu também o acompanhou enquanto crescia, observando seu pensamento. Por fim, ele disse a Attawana: desta vez deu certo! Attawana mais uma vez retransmitiu a mensagem a Awayiuwamaadi. Os três, satisfeitos, decidiram mandar Ye'kwana para a Terra. Mas antes, era preciso preparar a Terra. Eles enviaram Famayia, que desceu do céu pendurado em uma corda e, assim, pendurado, observou como a Terra estava. Aí não havia ar para respirar; a Terra era pura lama, a pessoa não poderia pisá-la.

Os três sóis decidiram então chamar quatro ajudantes para melhorar Adeetaku Kawa, torná-la habitável. O primeiro ajudante, Iyaawa, foi até Manuda e disse a ele: "Eu preciso de *noono* (terra)". Manuuda, dono de *noono*, respondeu: "De quanto você precisa?" Iyaawa disse: "Eu preciso de tudo – *noono* (terra), *ädeja* (plantas cultivadas), *iye* (árvores), *tuna* (água)". Manuuda disse: "Pode levar tudo o que for preciso." Iyaawa chamou Kwamedu para peneirar *noono*. Kwamedu peneirou *noono* em cima de uma pedra, com a ajuda de outra pessoa, Kamunhuana. Após terminado, Enakuyiena pegou a terra peneirada e jogou sobre Adeetaku Kawa (a Terra). O primeiro lugar onde *noono* caiu foi em Kamasonha. Para fortalecer a Terra, enviaram Maduda, um enorme tatu. Ele misturou com suas unhas *noono* (terra) a Adeetaku Kawa (a Terra).

Awayiwaamadi, o sol que iluminava a Terra, disse preocupado a Attawana: "A Terra está cheia de Odo'sha! O que faremos? Será que podemos pedir outra Terra?" Attawana respondeu: "Não, teremos que consertar esta que aí está. Vamos virá-la, remexê-la!" Foram enviados à Terra vários seres: diversos tipos de formiga, besouro, tatus, para que remexessem e misturassem a terra. Depois de remexida a Terra, foi enviado um grande fogo e, em seguida, uma grande enchente.

Wanaasedu determinou que fossem feitas as divisas internacionais, os continentes foram separados e o mar foi cercado, tarefas que couberam a lodamme e Semee'kado. Nesse momento, foi criado aqui um único e grande rio, o Kashishiwade (Rio Negro). A Terra então foi destinada aos Ye'kwana.

Depois de tudo pronto, Awaayuwaamadi avisou a Attawana que o trabalho fora finalizado, e esse transmitiu a mensagem a Wanaasedu, que decidiu enviar Wadhe à Terra. Wadhe é o dono do ar que respiramos. Foram enviados a cada canto da Terra um responsável pelo vento: Etodinhawaana, o mais forte de todos eles, que ficou do outro lado do mundo, nas regiões mais frias, onde há gelo (dada a força de seu sopro); Attadenhawana, responsável pela região centro-sudeste-sul do Brasil; e ludaimakwa (que é o nome através do qual Wadhe é conhecido), responsável pela área onde hoje vivem os Ye'kwana. São esses três que mantêm o clima da Terra, são enviados de Wanaasedu. Os três trabalham em conjunto para que o vento e a chuva nunca cessem. Apesar de distantes uns dos outros, eles trabalham de maneira coordenada.

Após isso, as matas e plantas foram criadas. Wadu foi enviado para plantar matas e árvores e, depois de encerrado o trabalho dele, Wanaasedu, Attawana e Awaayiumaadi avaliaram que a Terra agora estava boa e pronta para receber vida, abrigar as pessoas. Decidiram enviar, então, os animais e fizeram uma solicitação a Waimmene, o dono dos animais terrestres, para que os mandasse à Terra. Os animais vieram e sobreviveram nas novas condições.

Em seguida, enviaram U'tonoodoko Widishadi, o dono dos pássaros. Ele queria saber se a mata poderia servir de alimento. Os pássaros chegaram e começaram a comer frutas, que se mostraram um ótimo alimento. Foi então que Odo'sha, que pretendia dominar a Terra e estragar tudo que Wanaasedu criara, colocou veneno na mata. Os donos dos animais e pássaros conheciam as artimanhas de Odo'sha e avisaram aos animais quais espécies podiam ser comidas e quais não podiam, pois haviam sido envenenadas. Foi Wadhe ludaimakwa, dono do ar, que impediu Odo'sha de envenenar todas as espécies, o que era sua real intenção.

ludakashiyyu, dono dos peixes, veio em seguida experimentar a água. Ele trouxe muitos peixes para o Rio Negro e, lá, viram que a água era uma boa morada. Odo'sha mais uma vez tentou envenenar os peixes, mas obteve apenas sucesso parcial. Por isso existem peixes que não são comestíveis: foi a artimanha de Odo'sha em envenená-los.

Adeetaku Kawa, a Terra primordial, depois de remexida e transformada passou a se chamar Noono, que é também a palavra ye'kwana que significa terra/solo.

Noono ficou pronta para ser povoada por outras pessoas. Wanaasedu decidiu finalmente enviar Ye'kwana. O primeiro Ye'kwana, ao pisar a Terra, mudou seu nome para Yuduwana. Ele veio sozinho, então Awaiyuwamadi pensou: "Vamos criar uma mulher para fazer-lhe companhia." Assim, criaram

Etakushinhawana, entregando-a a Yuduwana, dizendo-lhe: aqui está uma mulher, para você criar gente. Yuduwana fez então um homem, a quem chamou Maseewi. Maseewi, por sua vez, criou um homem chamado Wanömä. Wanömä, por sua vez, criou uma mulher, Kashimanawö. Ela era o vento que anda sozinho, lentamente – por isso até hoje os Ye'kwana chamam esse vento pelo seu nome.

Wanömä fez ainda um homem, Maiya, que criou outros dois homens: Etakunhawana e Majaanöma.

Majaanöma criou Kumakane, uma mulher, e também um homem, Adajaiyena. Juntos, Majaanöma e Adajaiyena foram os que criaram mais pessoas.

Majaanöma criou Kuyujani e seu próprio neto Sedume. Depois, criou Waiyakwadu, uma mulher, que se tornou a mãe de Wanaasedume e Kuyujani, cujo pai era Etakudiyena. A partir daí foram surgindo mais e mais pessoas.

Awaiyuwamaadi ficou satisfeito com a quantidade de pessoas e pensou: "É preciso fortalecer Noono." Assim, akuffa, a planta de Wanaasedu, foi enviada à Terra. Foi de akuffa que surgiram os primeiros *föwai*, os primeiros xamãs. E foram eles que criaram a separação entre dia e noite. O primeiro *föwai* foi Samukwana, o segundo, Dutuna.

Wanaasedu, Attawana e Awaiyuwamaadi voltaram a conversar. Wanaasedu disse: "Os Ye'kwana estão fadados a desaparecer." Quando não houver mais nenhum Ye'kwana, Noono não será mais a mesma, perderá toda a sua força e será consumida por vulcões, enchentes e outros desastres. Noono vai acabar, e todos morrerão. Os brancos não sabem cuidar de Noono. Os xamãs ye'kwana são os que mantêm Noono viva.

Kajushäwa viu os Ye'kwana e sentiu-se só. Ele resolveu criar pessoas também e criou várias: Majaamä, Manumä, Manö, Wiyu, Noono Aköödö, Köiyaaki. Esses são os principais Odo'sha que estão até hoje no mundo.

Kajushäwa também criou Fataasena, que é o principal wedökö äyajä – "dono"



Desenho dos alunos das Escolas Apolinário Gimenes, Mõtaku Ye'kwana e Waikás, extraído do livro Kaweesadu, 2017

das doenças. A partir de então, vieram para Noono: Otomo, o dono da gripe; Makadincha, dono das verminoses.

Odo'sha resolveu vir em pessoa para Noono. Ele nasceu aqui junto com Wanaadi, o duplo de Wanaasedu nascido na Terra, enviado para completar a tarefa de criação do mundo.

Majaamä criou os animais terrestres – répteis, mamíferos, todos os animais que andam sobre a Terra. O primeiro foi *Fademö* (o tamanduá). Depois veio *Sheu* (quati), e então *Awaadudi* (gato do mato).

Kajushäwa é o nome de Odo'sha. Ele não gosta de ser chamado por este nome e, por isso, quando nasceu na Terra junto a Wanaadi, adotou o nome de Iyejiyanadi.

Depois vieram outros animais. Passou-se muito tempo, até que Majaamä criou o boi, depois o cavalo. A princípio, o boi não era comestível, mas Wanaasedume tornou-o bom para comer. Wanaadi criou *shiiwo* (carneiro), um animal comestível, e criou também *cameiyo* (camelo) como seu animal de estimação. Majaamä decidiu então criar vários animais de estimação: cobras e Wiyu (uma sucuri gigante dona do ouro, dos rios e do sal). Wanaadi criou cobras também, para que pudessem comer as cobras de Majaamä. Criou ainda Kamatawa, Onajā e Kawa, que são pássaros que comem cobra em vez

de comerem frutas. Às vezes, eles comem outros pássaros também, tais como nhambu e mutum.

O Rio Negro, Kashishiwade, foi o primeiro rio criado em Noono. Nas cabeceiras o rio também é salgado, mas é um outro tipo de sal, que chamamos wada'tadu. O sal foi colocado na água para torná-la boa. Wadhe foi quem transformou a água. Usou wada'tadu nas cabeceiras; no mar usou um outro sal. Wada'tadu é como uma pedra, bem branco.

Wanaadi criou o mundo dos brancos e seus *ädeja* (cultivares): manga, cacau, café. A primeira plantação dos brancos foi na cidade, Tawapo, no Rio Entawaadi. A segunda foi em Ankutudänha (hoje Ciudad Bolívar, na Venezuela). A terceira plantação foi em Kadakänha (Caracas). Em cada um destes lugares ele criou gente, o branco de cada lugar. Depois, ele seguiu para o outro lado, fez plantação nos Estados Unidos. Depois, na Europa. Por fim, em Wedennha (na região onde vivem os Árabes). Ele saiu da América

do Sul e andou por todo o mundo plantando. Depois de rodar tudo, voltou ao lugar de onde havia partido para criar a cidade de São Paulo, depois o Rio de Janeiro. Os demais lugares foram criados pelos brancos.

O ancestral Kuyujani recebeu de Wanaadi a tarefa de demarcar o território Ye'kwana, pois para escapar da perseguição de Odo'sha, Wanaadi foi embora da

Wiyu é um ser que vive no rio sob forma de uma grande sucuri. Wiyu é atraída pelo cheiro de sangue, e pode assumir forma humana seja de homem ou mulher, para atrair suas vítimas. Por isso, quando estão menstruadas, as mulheres não podem tomar banho no rio, pois seu sangue menstrual atrairia Wiyu, que fatalmente apareceria nos sonhos da moça, capturando seu äkatto (duplo da pessoa). Essa mulher adoeceria gravemente e correria risco de vida.

Terra e voltou para sua morada celeste. Kuyujani partiu de Kamasonha, região que é o coração do território tradicional ye'kwana, e andou pelo mundo. Assim que ele começou a andar, Odo'sha mandou todas as doenças que assolam hoje os Ye'kwana, para tentar matar Kuyujani – as enfermidades foram enviadas na forma de feitiços. De Kamasonha, Kuyujani partiu para Matacuninha. Aí, Odo'sha criou Maku Weichö. Kuyujani seguiu para Kiyakuninha. Aí, Odo'sha criou Maku Weichö novamente. Kuyujani seguiu para o Rio Medewadi. Odo'sha criou aí um *föwai* (xamã), por isso até hoje existem muitos *föwai* nesta comunidade, Akudajadänha. Kuyujani seguiu para Kudutunnha. Aí, Odo'sha criou Kadi'nha Weichö (identificados como os atuais Kariña, que vivem na Venezuela) na margem esquerda e Shaje Weichö (atuais

Xiriana) na margem direita. Por onde andou, Odo'sha criou pessoas para matar Kuyujani, mas Kuyujani convencia as pessoas: “Fiquem aqui, cuidem deste pedaço de *Noono* (a Terra).” Ele dizia: “Cuidem daqui, porque eu vou embora.” Kuyujani dizia para estas pessoas que vivessem ali e cuidassem de *Noono*, para ajudá-lo. Ele sabia que haviam sido criadas para matá-lo, mas os convencia do contrário.

Em Tunamonnha, onde Kuyujani construiu sua *ätta* (casa redonda ye'kwana), Odo'sha criou Ätti Weichö (atuais Macuxi). Ele os criou como onça. Depois, Kuyujani seguiu para Dimininnha (Demini, região onde hoje vivem os Yanomami). Odo'sha criou aí Mawade Weichö, dentro da montanha. Ele criou

Madichai, aquele que é o ancestral de Davi Kopenawa (xamã e líder yanomami que vive hoje no Demini). Depois foi para Penamä, onde hoje é a cidade de Belo Horizonte. Odo'sha criou aí Maxacali Weichö (atuais Maxakali). A partir daí, Kuyujani criou a divisão: a região das cabeceiras passou a ser dos povos indígenas e para o sul, dos brancos.

Kuyujani dizia a estas pessoas que vivessem ali e cuidassem de *Noono*, para que o ajudassem nessa tarefa. Ele sabia que aquelas pessoas tinham sido criadas por Odo'sha para serem seus inimigos, mas ele os transformava em aliados.

Wasaaja é um instrumento musical utilizado nas danças. Ele é feito de uma longa haste de madeira, com um chocalho trançado de cipó acoplado na parte superior da haste. Carregado pelo primeiro dos dançarinos do semicírculo formado por homens e mulheres durante as festas, ele é batido no chão a cada passo, de modo a marcar o ritmo dos dançarinos. Este movimento de Kuyujani de bater o wasaja com força no chão enquanto dançava, como fazem os dançarinos ye'kwana até hoje, teria imprimido as marcas ancestrais na pedra.

Quando Kuyujani partiu de Kamasonha, ele deixou lá Kuyunu, sua irmã, e disse a ela: “*Kajichana je echä* (você agora será a chefe)!” Ela era sua irmã do meio. Às outras irmãs (a mais velha e a mais nova), ele disse: “Eu levarei comigo, para me ajudar”. Foi assim que surgiu entre os Ye'kwana o costume de tornar as mulheres as chefes – hoje em dia elas cuidam de tudo, da roça, do dia-a-dia dos homens.

Kuyujani voltou para as cabeceiras, para Medewadinha. Nesta região, em local chamado Madijiänha, ele fez uma festa, porque ele havia conseguido demarcar *Noono*, ele estava feliz. Ele estava com suas duas irmãs, Kanichawa, a mais velha, e Kushawadu, a mais nova. Neste local há uma pedra lisa, cheia de furos. Foi neste local onde Kuyujani dançou com *wasajo*.

Depois, Kuyujani se mudou para Fadanwawä. Neste lugar, a irmã mais

nova ficou menstruada pela primeira vez. Após a menstruar, Wiyu pegou ela. Desde então, ficou proibido que as moças menstruadas entrem na água. Wiyu pegou a moça e levou para ser sua esposa. Kuyujani deixou-os, pois ele não matava as pessoas, ele era bom. A irmã teve muitos filhos com Wiyu, muitos filhos – eles criaram uma comunidade.

Kuyujani se mudou para Kushiminha. Em Kushiminha, Odo'sha criou Waduwadu Weichö, em Täjuwadi criou Ajaja Weichö. Kuyujani seguiu para Entawadennha, onde hoje está a comunidade Anachannha. Kuyujani fez aí uma grande festa, onde surgiram as flautas *wana*. Em Anachännha Odo'sha criou lawadana Weichö e Fiadua Weichö (atuais Piaroa). Aí em Anachannha Kuyujani tinha uma pessoa de estimação, o Sakakama, mas ele era gente de Odo'sha. Foi a partir daí que surgiu o costume de criarmos animais de estimação igual temos hoje.

Antigamente, falava-se apenas uma língua. Começou a festa em Anachannha. Kuyujani convidou todas as comunidades, todos os povos. Foram vários dias de festa, mais ou menos uma semana. As mulheres fizeram *yadaaki* (cerveja de mandioca fermentada). Os inimigos de Kuyujani

tinham *widiiki* (pedras com poder xamânico), Havia muita bebida, caiu um *widiiki* onde a bebida estava armazenada. O pessoal tomou muito *yaadaki* e começaram a falar várias línguas diferentes. Foi depois dessa festa e das brigas que ocorreram lá que cada um começou a falar sua própria língua, Fiadoa, Maku, Sidishina... como é até hoje. Ninguém se entendia mais.

Wana são flautas ye'kwana feitas de um tipo de bambu, sempre tocadas por um par de homens. As flautas e a música produzida por elas fizeram parte da exposição Mundos Indígenas.

No mesmo rio, Kuyujani foi para Shiwomonnha. Odo'sha criou aí Maku Weichö novamente. Em Madakuanha, na foz do Rio Entawadi, por onde passou Kuyujani, Odo'sha criou Waniwa Weichö (atuais Baniwa) e Shajooko Weichö (atuais Tukano).

No Rio Orenoco, para onde seguiu Kuyujani, Odo'sha criou Kudipaku Weichö (atuais Curipaco), Shidishina Weichö (atuais Sanumá), Wataiyakajamo Weichö e Kawedanuma Weichö. Kuyujani mudou-se então para Kununnha, nas cabeceiras. Odo'sha criou aí Mawiisha Weichö, que eram também como onças, tinham sete cabeças de onça e corpo humano. Eles comiam gente, porque o criador deles era onça. As piranhas, por sua vez, aprenderam a comer gente com Mawiisha.

Kuyujani seguiu então para o Rio Fadamo (Rio Padamo), onde Odo'sha criou Kudujashi Weichö, que eram parentes de Mawiisha e também eram onças. Assim como os Mawiisha, eles comiam os Ye'kwana. Eles também comiam os brancos.



01



02



03



04



05



06

01 e 02. **Cesto Waja** (Eliezer Maldonado e Cláudio Manoel Rodrigues)

03. **Peneira** (José Contrera)

04, 05 e 06. **Cestos masculinos Tudi** (Rivaldo, Robélio e Cláudio Manoel Rodrigues)



08



07



09



10

07. **Cesto Feminino Wöwa kajau jhi'jhä** (Salomé Rodrigues)

08. **Tipiti Tönköi** (Salomé Rodrigues)

09 e 10. **Cestos femininos Wöwa Wasshawa** (Pepita e Cláudia)

11. Tambor Sammjuda (Felipe Serume)
12. Flauta Wana (Felipe Serume)
13. Cajado com chocalho Wasaaja (Felipe Serume)



11

12



13



Por isso, os brancos tinham raiva e diziam que os Ye'kwana comiam gente, o que não era verdade. Após criar Kudujashi, Odo'sha encerrou seu trabalho.

No passado relatado em *Wätunnä*, não havia diferença entre as espécies animais e humanas. No presente, foram os humanos que perderam a capacidade de enxergar a forma humana dos animais.

Eles são gente, mas os humanos os veem apenas sob as formas corporais que os animais assumem, distintas da sua. Somente o xamã é capaz de enxergar a forma humana dos animais, que vivem em aldeia, tem seus chefes, seus xamãs e seus mundos singulares, tanto quanto os humanos do presente.

Por isso *Wätunnä* nos diz que Kuyujani tinha uma pessoa (e não um animal) de estimação, de modo a explicitar essa característica do tempo passado, se comparado com o presente.

Kuyujani foi conversar com Adajaiyena, dizendo a ele: “Olha, eu estou com uma pessoa aqui” (era a pessoa de estimação, o Sakakama). Adajayena disse, “eu sei, você vai fazer o seguinte: deixe ele em Kawännha, você não pode chegar de volta a Kamasonha com ele”. Kuyujani retornou a Kawänha e escondeu a pessoa de estimação lá. Ele pensou assim: “Já que Odo'sha fez Kudujashi e Mawiisha para matar pessoas, irei convidá-los”. Antes que os Kudujashi e os Mawiisha chegassem, Kuyujani pintou o ânus do Sakakama com *daadi* (jenipapo). Assim, próximo do ânus, ao redor era branco, e dentro era preto (com a pintura de *daadi*). Durante a festa, ele mandou o Sakakama ficar de quatro e chamou os Kudujashi e os Mawiisha, dizendo: “Olha, olha aqui”. Ao olhar, todos morreram na mesma hora. Acabou a festa, pois tinha morrido muita gente. Não tinha mais ninguém para dançar. Kuyujani escondeu o Sakakama, que até hoje mora dentro da montanha. Kuyujani terminou o trabalho de demarcação. Ele então retornou a Kamasonha, onde houve uma grande festa em comemoração à demarcação de *Noono*.

***Wätunna* é o passado, presente e futuro. Do passado, nos conta do tempo da criação. No presente, orienta o modo de vida. Carrega em si conhecimento histórico, filosófico, cartográfico, botânico, astronômico... o território ye'kwana foi sendo moldado a partir dos eventos que nele se desenrolaram no tempo ancestral, como a pedra que hoje carrega os sulcos do wasaaja de Kuyujani.**

As ações e escolhas dos ancestrais alteraram não apenas a topografia, mas as relações entre os seres, que passaram a se dar de uma certa maneira, e tais regras orientam as pessoas no tempo presente, como na proibição das moças em tomar banho no rio quando estão menstruadas. Tudo isso singulariza a maneira como um certo mundo – o ye'kwana *weichö* – opera. As narrativas *wätunnä*, de que vimos aqui apenas um pequeno excerto, prosseguem narrando como tais diferenciações foram emergindo – não por acaso, os sábios dizem que o aprendizado de *wätunnä* e também dos cantos *a'chudi* e *ädemi* duram a vida inteira, e que se uma pessoa se dispusesse a conhecer as narrativas, ficaria dez anos escutando todos os dias uma narrativa diferente. *Wätunnä* também é o futuro, porque há um conjunto de narrativas que nos dizem a respeito do que ainda está por vir, e que foram reveladas por poderosos xamãs ancestrais. Enquanto corpus de conhecimento, trata-se de um todo aberto à experiência e à incessante produção e incorporação de novos elementos oriundos da própria experiência mundana e da criatividade e interpretação dos sábios.

Como vimos, *wätunnä* nos conta que o mundo foi criado por Wanaseduume e seus ajudantes e posteriormente povoado por diversas espécies. Durante a viagem de Kuyujani, acompanhamos não só o surgimento de vários *weichö*, mas a diferenciação desses, impulsionada pelo surgimento da diversidade linguística após a festa em Anachanha. O que *Wätunnä* nos ensina é que esse processo deu lugar a uma diferenciação complexa que fez emergir mundos distintos, no sentido tratado por Deborah Lima em seu texto neste catálogo. O entendimento disto nos ajuda a compreender melhor o conceito de *weichö* e escapar de traduções equivocadas.

Lima nos diz que a divergência entre mundos, na acepção do termo mobilizada por ela e compartilhada aqui, se assenta no fato de que cada um destes mundos admite um fundamento de realidade distinto – nas palavras dela, o que, para cada mundo, admite-se como sendo possível existir. No mundo ye'kwana, vimos que os elementos “naturais” do mundo dos brancos – os Ventos, os muitos sóis – são seres animados que interagem cotidianamente com humanos e animais, estes últimos também vivendo em seus próprios mundos, com seus próprios *weichö*.

O convívio e as relações entre seres destes mundos distintos são, por vezes, perigosos e precisam ser igualmente negociados. Um bom exemplo disso foram os cuidados necessários para que uma das peças que compuseram

a exposição Mundos Indígenas pudesse compor a apresentação do mundo Ye'kwana para os brancos. O colar masculino feito com dentes de *Duukwadi*, a Queixada, só pode ser exposto com a presença de um *etöödötojo*, que é uma pequena cabaça preparada por um sábio, na qual são inseridas certas plantas protetoras, sobre as quais cantos *a'chudi* são cantados no momento da preparação. Plantas e cantos passam a atuar de forma a proteger as pessoas da ação poderosa do colar de *Duuukwadi*, que pode causar efeitos indesejados naqueles que não estão preparados para entrar em contato com ele. A presença dos cantos contidos nas plantas do *etöödötojo* é a maneira através da qual os sábios ye'kwana permanecem cuidando dos visitantes da exposição, mesmo de longe. Estes sábios conhecem os protocolos para negociar a relação entre as pessoas e a gente-Duukwadi.

Por vezes, ao traduzirem as palavras dos sábios para o português, na tentativa de produzir um entendimento por parte dos não-ye'kwana, verdadeiros malabarismos são empregados para falar de *weichö*. É o “jeito” ye'kwana. É o “modo de vida”. Tudo isso e nada disso é *weichö*. Quando Vicente Castro nos diz que ye'kwana *weichö* são as narrativas *wätunnä* e os cantos *a'chudi* e *ädemi*, mais do que se referir ao conteúdo do conhecimento contido neles, ele se refere ao mundo revelado por eles. Um mundo em que há uma maneira adequada para adquirir conhecimento, também bastante reveladora da sua singularidade. A aquisição de conhecimento se processa não apenas em termos do intelecto, mas produz também transformações no corpo físico.

Ao transmitir conhecimento ao discípulo, o mestre dá algo de si, parte dos elementos que constituem seu próprio ser e que passam assim a compor também o corpo do outro. Esse conhecimento, dotado de certa fisicalidade, ainda que invisível, pode ser apropriado por outrem: a aprendizagem não pode acontecer durante o dia, pois há o risco de um passarinho carregar consigo as palavras que o mestre transmitia ao discípulo. O passarinho passa por ali e depois voa longe, carregando as palavras proferidas, e o discípulo não consegue reter o conhecimento transmitido. Por isso, aprende-se de madrugada. Na iminência de sua morte, há sempre o risco de que o mestre tome de volta essa parte de si e a leve ao partir definitivamente desta dimensão. Para ilustrar tal perigo, Vicente Castro conta que ele e o irmão aprenderam *wätunnä* e *ädemi* com o mesmo mestre. No momento da sua morte, Vicente estava longe, em outra aldeia, mas seu irmão permanecia junto

ao mestre. Ao morrer, o mestre levou a parte de si que havia transmitido ao irmão de Vicente, fazendo com que este esquecesse paulatinamente o que havia aprendido, enquanto Vicente conservou consigo os ensinamentos.

O equívoco em traduzir o conceito de *weichö* como cultura reside no fato de que isso implicaria transpor na tradução as premissas que este último carrega consigo, como bem explicita Deborah Lima em seu texto – a premissa de que existe uma natureza única, um mundo objetivo e tangível que está dado, sobre a qual a diversidade cultural se assenta. Em *wätunnä* aprendemos que, ao contrário, o mundo ye'kwana vai se singularizando à medida que os ancestrais faziam suas escolhas e delas foram emergindo os elementos definidores deste mundo, inclusive a própria configuração da topografia e o modo através do qual as pessoas (incluindo as do presente) se relacionam com este mundo em sua completude – sua paisagem e seus seres. Se no tempo primordial da criação todos tiveram uma origem comum – uns criados por Wanaseduume, outros por Odo'sha – falando uma só língua e compartilhando a vida em *Noono*, num segundo momento a diferença vai sendo produzida e constituindo os mundos singulares.

Cada gente recebe um *weichö*, uma língua e uma maneira de construir para si um mundo a partir das ações dos seus ancestrais. Kuyujani, ao negociar alianças com essas gentes diversas, delegando a elas um pedaço de *Noono* para cuidar, ou seja, um território para viver, nos ensina que em *Noono* há espaço para mundos diversos, e que é preciso negociar as condições políticas para que estes mundos coexistam em harmonia. Esta é a maior lição que podemos aqui aprender.

Personagens mais citados na *Wätunnä*:

Wanaseduume/Wanaasedu: Demiurgo, o criador do mundo.

Awayiwamadi: Sol, um dos ajudantes de Wanaseduume.

Attawana: Sol, um dos ajudantes de Wanaseduume.

Odo'sha: Primeira pessoa enviada à Terra por Wanaseduume, que se revela malévolo. Após ser retirado da Terra por Wanaasedu, retorna, nascendo junto a Wanaadi e assumindo o nome de Kajushäwa.

Kuyujani: ancestral enviado à Terra para demarcar o território ye'kwana.

Wadhe: dono do ar

Wanaadi: duplo de Wanaasedu, enviado à Terra para completar a tarefa de criação do mundo

Wiyu: ser dono dos rios, vive na água sob forma de uma sucuri gigante

Sakakama: pessoa de estimação de Kuyujani